

# A CATEGORIA TRABALHO EM GYÖRGY LUKÁCS<sup>1</sup>

## THE CATEGORY WORK IN GYÖRGY LUKÁCS

Daniel Handan Triginelli<sup>2</sup>

### RESUMO

Pretende-se com esse texto apresentar, a partir do rigor exigido pelo procedimento de leitura e análise imanente, os traços fundamentais que permeiam as categorias *Trabalho e Formação Humana* na Ontologia do ser social de György Lukács. Para se alcançar tal objetivo, é necessário debruçar-se sobre os nódulos internos que permeiam a atividade sensível do ser, que, ao longo da história, acumula na prática, as condições que possibilitam o ser orgânico dar o salto ontológico em direção a constituir-se como ser social. Quer dizer, o trabalho como mediação fundamental da relação entre homem e natureza que possibilita, tanto a transformação da própria natureza posta à disposição humana para a satisfação de suas necessidades, quanto ao fato de o trabalho transformar a própria essência do gênero humano. Neste sentido, verifica-se que a capacidade teleológica está subordinada ao trabalho humano. No desenvolvimento social, é possível apreender a teleologia de segunda ordem, que pese, a capacidade de um ou mais seres sociais influenciarem a maioria ou parte do corpo social em desempenhar pores teleológicos não elaborados por eles. Os elementos práticos inicialmente expostos, remete a ampliação do trabalho como ontogênese de toda a práxis social. Por fim, com o presente texto, pretende-se expor, com o rigor exigido, o processo de auto constituição material/histórica do ser social e sua gênese no trabalho.

**Palavras Chaves:** Trabalho; Ontologia do Ser Social; Formação Humana; Teleologia; Práxis Social.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado d pesquisa doutoral: “TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA NA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL DE GYÖRGY LUKÁCS” (26/02/2016), desenvolvida entre os anos de 2012/2016 no Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (FaE/UFMG) sob orientação e supervisão do Professor Doutor Homindo Pereira de Souza Junior e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) à quem registramos nosso agradecimento.

<sup>2</sup> Historiador, mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (FaE/UFMG). daniellic.bchistoria@yahoo.com.br

## **ABSTRACT**

This text intends to present, from the rigor required by the reading procedure and immanent analysis, the fundamental traits that permeate the categories Labor and Human Formation in the Ontology of the social being of György Lukács. In order to achieve this goal, it is necessary to look at the internal nodules that permeate the sensitive activity of the being, which, in the course of history, accumulates in practice the conditions that enable the organic being to make the ontological leap forward, Becoming like social being. That is to say, work as the fundamental mediation of the relationship between man and nature that enables both the transformation of nature itself made available to the satisfaction of its needs and the fact that work changes the very essence of the human race. In this sense, teleological capacity is subordinated to human work. In social development, it is possible to apprehend second-order teleology that weighs the capacity of one or more social beings to influence the majority or part of the social body in performing teleological tasks not elaborated by them. The practical elements initially exposed, refers to the expansion of work as an ontogenesis of all social praxis. Finally, with the present text, it is intended to expose, with the required rigor, the process of material / historical self-constitution of the social being and its genesis at work.

**Keywords:** Work; Ontology of the Social Being; Human Formation; Teleology; Social Praxis.

### **1) TRABALHO, POR TELEOLÓGICO E PRAXIS SOCIAL NA FORMAÇÃO HUMANA**

Ao tomar a obra *Para uma ontologia do ser social*, do filósofo húngaro György Lukács, como objeto de estudo, verifica-se um rigoroso retorno e estudo da obra marxiana. Como ponto de partida, o autor tomou, particularmente, os textos “descobertos” na década 1930, até então, desconhecidos da totalidade que compõe a obra de Marx. Lukács não se limitou a realizar um estudo criterioso, mas utilizou-se do procedimento de leitura e análise imanente elaborado e desenvolvido pelo próprio Marx, podendo, desta forma, cumprir a tarefa de apreender e compreender com rigor a a herança marxiana. Nesse movimento, o filósofo húngaro apreende com precisão o

percurso do desenvolvimento intelectual do filósofo alemão desde o período da juventude, até o denominado momento de maturidade, quando da publicação do expoente, considerado o mais substantivo de sua obra, *O Capital*.

Certamente tratou-se de um esforço descomunal, que, com muito rigor e disciplina, levou Lukács a se empenhar na árdua e necessária tarefa de, efetivamente, propor e, em certa medida, promover um “renascimento do Marxismo”, para nos utilizarmos dos termos do próprio Lukács (TRIGINELLI, 2016, p. 318).

O objetivo de Lukács em seu último esforço filosófico, tem relação com a consciência que o autor alcançou acerca da necessidade em retornar à obra de Marx. Este retorno pretende, de forma rigorosa e criteriosa, apreende-la, compreende-la e explicitar sua essência filosófica, histórica e material. Este movimento possibilita e objetiva explicitar a estrutura ontológica que permeia a totalidade do arcabouço marxiano, ou seja, seus estudos, suas análises iniciadas desde a década 1840 (por muitos, denominada juventude), até a síntese histórica, realizada na fase tida como madura, principalmente, em *O Capital*. Neste sentido, o filósofo húngaro desmistifica a separação entre juventude e maturidade, explicitando a totalidade, sem rupturas, marcada pelo desenvolvimento permeado pelo rigor exigido na tangência do procedimento imanente de apreensão, compreensão e reprodução da realidade e práxis social. Sendo assim, para Lukács, a obra de Marx representa o início que possibilita a compreensão rigorosa da realidade, onde se coloca a possibilidade de transformação concreta da vida social pelos sujeitos históricos de cada época.

Ao se pôr e debruçar sobre tal tarefa, Lukács apreende, compreende e explicita o desenvolvimento das bases ontológicas que permeiam o desenvolvimento material/histórico do ser social presentes na teoria social de Marx, como forma e conteúdo objetivando a contraposição, tanto, às elaborações científicas burguesa, que em síntese, pode ser entendida como uma ciência que no processo de apreensão da realidade histórica, centraliza a produção de conhecimento, e também a interferência na realidade social, nos métodos embasados na epistemologia. Esse movimento aparece nas formas predominantes do racionalismo, do irracionalismo ou do neopragmatismo, e elabora suas apreensões e compreensões de forma distorcida da realidade efetiva. Marx expõe a fragilidade de tais elaborações, ao afirmar que:

Para a consciência – e a consciência filosófica é determinada de tal modo que, para ela, o pensamento que concebe é o homem efetivo, e o mundo concebido é como tal o único efetivo. Para a consciência, pois, o movimento das categorias aparece como ato de produção efetivo – que recebe infelizmente apenas um impulso do exterior –, cujo o resultado é o mundo, e

isso é certo (aqui temos de novo uma tautologia) na medida em que a totalidade concreta, como totalidade de pensamentos, como um concreto de pensamentos, é de fato um produto do pensar, do conceber; não é de modo nenhum o produto do conceito que pensa separado e acima da intuição e da representação, e que se engendra a si mesmo, mas da elaboração da intuição e da representação em conceitos (MARX, 1999, p. 40).

Partindo das categorizações marxiana, “Lukács confronta-se arduamente com a teoria do conhecimento predominante em sua época (e que se mantém até nossos tempos)” (TRIGINELLI, 2016, p 318). Para a realização desta tarefa, o autor remonta toda a história do conhecimento, ou seja, explícita de forma imanente todas as posições desde a Antiguidade clássica, nesta, aponta Aristóteles como inflexão fundamental na história da filosofia, apresenta os avanços alcançados no Renascimento e no Iluminismo quando confrontados à produção feudal. Porém, é na filosofia clássica alemã onde Lukács localiza e destaca os principais avanços, contudo, é também, onde apresenta os pontos de retrocessos. Pontos estes, que tem como pressuposto a

incompreensão da dimensão ontológica exata alcançada e incompreendida. Em especial, ele toma, por exemplo, a filosofia de Kant. Ainda entre os alemães, Lukács aponta a importância e o significado das elaborações filosóficas de Hegel em relação a Kant, em especial a dimensão de historicidade como base concreta das possibilidades de avanço na apreensão e compreensão do desenvolvimento das potencialidades humanas. Contudo essa determinação ontológica é, em Hegel, confrontada com a logicidade e a generalização da teleologia como alma do espírito absoluto que põem finalidade e fins ao processo histórico (TRIGINELLI, 2016, p. 319).

No retorno à Marx, Lukács identifica os princípios ontológicos fundamentais que confronta e supera as elaborações idealistas, em especial na filosofia hegeliana. Isto, mesmo que, em certa medida, inicialmente influenciado pelo materialismo de Feuerbach. Contudo, trata de um momento, que no todo do processo dura pouco tempo, já que, em um curto espaço de tempo, Marx apreende que: quando Feuerbach se apresenta como materialista ele não toma em consideração a história, e quando a história é considerada, ele abandona o materialismo. Quando estrutura e apresenta esta crítica, Marx rompe com a filosofia hegeliana, pois toma a totalidade histórica como ponto imanente de estudo e, desta forma é o ponto partida marxiano, para demonstrar o papel central que as categorias econômicas desempenham no decorrer da história humana de produção e reprodução da vida. “Com isso, não se pode atribuir uma finalidade à história, menos ainda pensar que um espírito absoluto seja capaz de conduzi-la, mas, antes de tudo, são os homens concretos que, a partir de seus atos,

primeiro singulares, depois sociais, fazem a história” (TRIGINELLI, 2016, p. 319).

Sobre esta questão, Chasin pontua que:

Com uma frase curta e precisa, Lukács, abrindo a parcela de sua *Ontologia* dedicada a Hegel, caracteriza de modo agudo e inusual a rota percorrida pela filosofia clássica alemã, ao dizer que nesta há “um movimento que leva da negação teórica da ontologia em Kant a uma ontologia universalmente explicitada em Hegel” [...] Vale observar, de passagem, que fortes ecos, de não poucos desses traços ressaltados, estão presentes nos textos *pré-marxianos de Marx*: a tese doutoral e os artigos da *Gazeta Renana*. O registro é útil para essa demarcação da emergência do pensamento original do autor (CHASIN, 2009, p. 40-41)<sup>3</sup>.

Ao ratificar essa posição, Marx subordina a efetivação da teleologia ao trabalho. Posto de outra forma, trata-se de uma categoria que somente pode se pôr e realizar na esfera da atividade sensível, do trabalho humano. Ao fazer isso, a centralidade do trabalho é verificada de forma rigorosa em Marx. Afinal, essa é a categoria fundante da totalidade do processo de desenvolvimento material/histórico humano. Lukács demonstra como, o complexo do trabalho, possibilita e, é a partir dele que o desenvolvimento dos demais complexos que compõe a realidade social, atinge níveis “mais avançados de organização e complexidade. Ou seja, promove-se a auto formação do ser, a formação humana, até alcançar suas expressões mais avançadas em níveis societários” (TRIGINELLI, 2016, p. 319).

Ao realizar essa tarefa, Lukács reúne as condições necessárias e determinantes para estruturar sua crítica e questionar o denominado, marxismo vulgar. As muitas formas de apreensão da obra marxiana desenvolvidas no decorrer da história, hegemonicamente, parte do ponto estabelecido pela filosofia burguesa, quer dizer: tomam para si, na forma de reivindicação, os métodos postulados pelo neokantismo, e/ou pelo idealismo hegeliano. Desta forma, incorrem no erro de buscar, o suposto “método” de Marx. “Por vezes, o foco principal lukácsiano é a necessária desconstrução das elaborações stalinistas que, conforme ele, rebaixaram o marxismo à condição de uma teoria atrasada, incapaz de dar conta da realidade”. Ao nos atermos a realidade, não é tarefa complicada perceber a razão de Lukács acerca de tal afirmativa. Neste sentido, foi a forma encontrada pelo filósofo húngaro confrontar o prejuízo promovido por este marxismo, por esta razão, se fez necessário reaprender a herança marxiana como forma possível para “reformular as sociedades pós-capitalistas (o chamado socialismo real)” (TRIGINELLI, 2016, p. 320).

---

<sup>3</sup> Chasin faz alusão a Lukács, mantendo sempre as ressalvas que ele avalia necessárias, tendo em vista à relação de Lukács com a filosofia hegeliana.

A partir do exposto, reconhece-se que Lukács, a partir de seu esforço teórico/filosófico/político, atuou, no interior do movimento comunista, afim de reformá-lo. Ele pode realizar este movimento desde que localizou e apontou deformações filosófico-teórico-metodológico-político no desenvolvimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), demarcou ainda, que após a morte de Lênin (que, conforme Lukács, após Engels, foi o único que teve a capacidade e preocupação de, na realização de seus estudos, se aproximar, de forma mais ou menos correta, das determinações concretas contidas na obra marxiana). Ao retornar, de maneira imanente, aos textos originais de Marx, Lukács apreende e compreende de forma criteriosa o desenvolvimento filosófico-teórico-metodológico marxiano. Esta elucidação o possibilita realizar, com extremo rigor, a apreensão e compreensão exata da realidade social existente no interior do movimento comunista de sua época. É neste processo que ele consegue ampliar o leque de elementos, que a sua disposição, o permite promover análises críticas mais densas e fecundas do sistema capitalista, predominante em parte do mundo bi polarizado.

Nos estudos dos originais marxianos, o filósofo húngaro tem o mérito de identificar o desenvolvimento e o aprofundamento das elaborações filosóficas efetuadas por Marx em seus textos de juventude, em especial nos *Manuscritos econômicos filosóficos*, de 1844. Segundo Lukács, as bases do desenvolvimento da filosofia e da cientificidade marxiana estavam germinadas no texto citado, o que, mais adiante, o permitiu promover, com extremo rigor, a crítica à Economia Política, em especial em sua obra da maturidade, *O capital* (TRIGINELLI, 2016, p.320-321).

Outro elemento importante à ser ressaltado, e que igualmente se apresenta como ponto destacado na obra aqui estudada, está relacionado com o projeto de Lukács em elaborar, sobre bases teóricas, a *ética* comunista. “Ou seja, a forma de ser do ser social em sua plena forma humana emancipada”. Por essa razão, mesmo que o autor não reconheça em sua última entrevista autobiográfica, e que grande parte de seus estudiosos ressaltem essa não intenção, Lukács, em *Para uma ontologia do ser social*, explicita, ao longo da obra, que o objetivo posto em sua elaboração era, ou deveria ter sido, a introdução à sua *Ética*. Todavia, o texto em questão, tornou-se, uma obra de síntese. Onde se apreende uma síntese que vai, desde o processo desde a auto constituição do ser social, até o desenvolvimento das mais complexas estruturas da totalidade social. Tomando a auto formação, “passa as determinações desse ser enquanto ente que se põe no mundo, explicitando todos os nódulos internos que formam a plataforma necessária de domínio da natureza pelo complexo do trabalho através de

seus pores teleológicos”. Ao verificar a correção dos resultados proporcionados pelo procedimento marxiano, Lukács analisa, de forma imanente, o processo de surgimento e desenvolvimento dos complexos categoriais sociais. Ele realiza este movimento tomando, como ponto de partida: o salto ontológico. Ou seja, o evento transformador, que só pode ser possível, a partir do desenvolvimento do complexo primário que por consequências possibilitou o surgimento dos demais complexos sociais (linguagem, consciência e direito são exemplos). Nosso filósofo também apresenta, com o rigor necessário, os “pores teleológicos secundários (a influência de um ou mais homens a realizarem pores traçados por outros homens) e a divisão social do trabalho”. A partir da criteriosa apreensão e compreensão destes processos, trata e reproduz o desenvolvimento estrutural das formas de reprodução social desde as formas mais primitivas de agrupamento humanos, realiza uma densa análise da Antiguidade, da mesma forma, se debruça sobre a reprodução estruturada pelo sistema de produção feudal até alcançar o desenvolvimento das formas mais implicadas e complexas de categorias sociais, que só poderiam se desenvolver e progredir quando da “superação do feudalismo pelo capitalismo” (TRIGINELLI, 2016, 321).

Da obra em sua totalidade aqui estudada, o que se apreende, é uma rigorosa pesquisa histórico-teórica que apresenta forte densidade e profundidade respondendo ao objetivo de alcançar os meandros ontológicos que delimitem o ser social. Situando-se no interior da historicidade, o autor apreendeu o processo desde o ato fundante, “o salto ontológico promovido pelo surgimento do complexo originário (mesmo sem a possibilidade concreta de precisão de quando se deu tal salto), o trabalho”. Após constatar o fato histórico-ontológico de que o ser que se põe a trabalhar concretiza a auto fundação enquanto ente humano, Lukács se debruça sobre as

particularidades do ser que, pelo trabalho, transforma a realidade natural, a si mesmo, subjuga as forças da natureza à sua própria força a fim de criar as possibilidades de vida e de sua reprodução, delimitando, dessa maneira, a possibilidade teleológica do trabalho (TRIGINELLI, 2016, p. 321).

Em outras palavras, acerca dos elementos acima tratados, Fortes explicita que:

Estas questões relativas ao complexo laborativo humano vem à tona no interior de suas elaborações sobre a ontologia do ser social, e advém pelo reconhecimento de que formular uma ontologia do ser social implica colocar no centro da reflexão acerca do ser e do destino do homem o complexo que possibilita sua gênese e determina primordialmente o processo de seu desenvolvimento, [...] (FORTES, 2001, p. 7).

Ao tratar a categoria central que dá origem a todos os demais complexos sociais, o *trabalho*, evidencia-se como, a partir da realização do pôr teleológico, Lukács apreende, compreende e reproduz o trabalho como a categoria que funda o ser social, que possibilita e concretiza o salto ontológico. Este salto se dá, exatamente quando este ser, qualitativamente novo, se põe no mundo, ou seja, se coloca a trabalhar e, desta forma, promove a dupla transformação.

Esse processo eleva o complexo do trabalho à posição central nos desdobramentos históricos do ser, no sentido de o trabalho se apresentar como um complexo, o complexo ontologicamente primário que, a partir de si, cria as condições de surgimento de novos complexos sociais (a linguagem é um exemplo) que comporão a totalidade real do ser social (complexo de complexos) (TRIGINELLI, 2016, p. 322).

Com isso, é assertiva a afirmação de que o trabalho é o promotor, de maneira lenta e gradual, que conduz e culmina na transformação do ser orgânico (natural) à condição de ser social. Desta forma, no decorrer da história, ele possibilita o que se entende ser a auto constituição do gênero humano em si.

O verdadeiro cerne do problema encontra-se, segundo nosso autor, na descoberta de que tanto a gênese como o desenvolvimento do ser social devem ser compreendidos como um processo de autocriação humano, do ser mundo e de si mesmo, que se desdobra mediante o surgimento do trabalho (FORTES, 2001, p. 43).

Contudo, é fundamental o entendimento de que o trabalho, somente é realizável, a partir da efetivação dos pores teleológicos<sup>4</sup> em seu interior. Como já explicado, os pores teleológico, estão subordinados ao ato de trabalho. Essa relação entre trabalho e pôr teleológico, oferece à Marx e à Lukács os meios necessários para refutarem filosófica e praticamente as distorções as quais a categoria teleologia foi apreendida, compreendida e reproduzida no desenvolvimento da história da filosofia (principalmente a idealista) e da teologia. Ao subordinar a teleologia ao trabalho, Lukács reproduz, com exatidão, a condição concreta e necessária à existência do ser social e a reprodução da vida humana. Neste sentido, se evidencia, que no ato de objetivar-se concretamente no mundo ocorre a consolidação e a relação intrínseca à sua condição de efetivamente se pôr, conseqüentemente, esses são, necessariamente, dependentes do processo de inter-relação ininterrupto entre pensar, agir e transformar.

Desse modo é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova objetividade. Assim, o trabalho se torna modelo de toda a práxis social, na qual, com efeito – mesmo que através de mediações

---

<sup>4</sup> Lukács recupera essa correta apreensão e compreensão em Marx.



às vezes muito complexas –, sempre se realizam por teleológicos, em última análise, de ordem material (LUKÁCS, 2013, p. 47).

Ao transformar pelo trabalho, e promover a transformação das coisas em estado natural em objetos qualitativamente novos, objetos que agora para além de ser tem atribuída a si a finalidade de satisfazer necessidades do ser social, neste processo, se faz presente, igualmente, a categoria da alternativa. Contudo, é preciso ressaltar que:

Como já vimos, uma verdade fundamental da concepção marxiana é que os próprios homens fazem a sua história, mas não podem fazê-la nas circunstâncias escolhidas por eles. Os homens respondem – mais ou menos conscientemente, mais ou menos corretamente – às alternativas concretas que lhes são apresentadas a cada momento pelas possibilidades do desenvolvimento social. Nisso, portanto, já está implicitamente contido o valor (LUKÁCS, 2013, p. 122).

Foi demonstrado que para ser possível haver uma alternativa substantiva à humanidade, é, necessariamente, preciso que não se elimine a possibilidade real de que, de fato, se trate de uma alternativa concreta. O que permite e significa pontuar que, para o filósofo húngaro, trata-se de decisões que somente podem ser tomadas pelos homens, tanto no plano individual como no coletivo, acerca das condições adequadas à concretização do pôr do fim. “Em termos objetivamente ontológicos surge uma constituição, já por nós descrita sob vários aspectos, da consciência humana, que deixa de ser um epifenômeno biológico e se torna um momento essencial ativo do ser que está nascendo” (LUKÁCS, 2013, p. 129). Ao alcançar tal constatação, foi possível identificar o germe da liberdade, ou, a efetiva possibilidade do ser social em se emancipar. Este momento se torna possível por nenhuma alternativa, ou conjunto de alternativas, ser, concretamente, um reflexo representativo da totalidade real. Dito de outra forma: concretamente o que é posto diante do ser social, está limitado a possibilidade em fazer a escolha de uma alternativa determinada dentre as disponíveis ao ente humano que efetivamente trabalha. E é preciso ter a noção, de que a finalidade não está entrelaçada ao resultado alcançado pela produção do indivíduo que toma a decisão, o que ocorre, é a produção do ser social que se realiza na realidade. Posto isso, Lukács ressalta que:

O pôr de um fim com o qual o ontologicamente novo aparece enquanto ser social é um ato nascente de liberdade, uma vez que caminhos e meios para a satisfação de necessidades não são mais efeitos de cadeias causais espontaneamente biológicas, mas resultados de ações decididas e executadas conscientemente (LUKÁCS, 2013, p. 140).

Quando, pelo trabalho, se começa a produzir pondo como finalidade deste ato às satisfações das necessidades imediatas, o ente humano adentra o campo que o permite conhecer as propriedades naturais dos objetos nos quais age a partir de seu trabalho. É preciso ter ciência ainda, de que isto, igualmente, em proporção crescente, torna-se uma necessidade. “Conforme o homem trabalha e transforma as coisas, portanto, passa a conhecê-las, o que historicamente o permite acumular um patrimônio sobre os entes naturais e suas propriedades” (TRIGINELLI, 2016, p. 323). O conhecimento acumulado oportuniza aos homens conhecer para escolher, com exatidão, qual a pedra, dentre todas as pedras, adequada à confecção de uma ferramenta, por exemplo. Lukács, com muito rigor, explica que:

No ser-em-si da pedra não há nenhuma intenção, e até nem sequer um indício da possibilidade de ser usada como faca ou como um machado. Ela só pode adquirir tal função de ferramenta quando suas propriedades objetivamente presentes, existentes em si, forem adequadas para entrar numa combinação tal que torne isso possível. E isso, no plano ontológico, já pode ser encontrado claramente no estágio mais primitivo. Quando o homem das origens escolhe uma pedra para usá-la, por exemplo, como machado, deve reconhecer corretamente esse nexos entre as propriedades da pedra – que nas mais das vezes tiveram uma origem causal – e sua respectiva de possibilidade de utilização concreta. Somente assim ele efetua aquele ato de conhecimento analisado por Aristóteles e por Hartmann; e quanto mais desenvolvido o trabalho, tanto mais evidente se torna essa situação (LUKÁCS, 2013, p. 54).

Por si só, os resultados obtidos no e pelo trabalho, confere aos homens domínio sobre a natureza, desta forma é correto dizer que: o trabalho permite colocá-la, a disposição em relação a satisfação de suas necessidades. A partir compreensão até aqui constituída, é possível identificar que no desenvolvimento deste processo, está situada a gênese que permitirá os desdobramentos que deram origem as ciências. Em outras palavras, trata-se da efetivação das generalizações que se dão a partir do acúmulo e uso dos conhecimentos acumulados historicamente a partir da

realidade em si, nas coisas em si. Tais generalizações do conhecer dado pela concretude do real, organizados no plano do intelecto, alcançam, em determinado momento, a possibilidade de serem reproduzidos no plano epistemológico como conhecimento humano (TRIGINELLI, 2016, p. 323).

Outro elemento importante que se desenvolve a partir do trabalho, está na possibilidade em se alcançar a relação posta “entre teoria e prática. Essa relação expressa-se, em especial, na manifesta relação entre causalidade e teleologia”. Posto de outra maneira, isso está relacionado ao fato de que para a elaboração e aplicação do projeto idealmente planejado, inicialmente deve pôr-se em prática o conhecimento acumulado acerca das propriedades que compõe os elementos naturais. Estes elementos,

passarão pela ação do trabalho e por ele, serão transformados, em coisas diferentes. Também é fundamental destacar, a importância do desenvolvimento dos meios (instrumentos) necessários para a execução do projeto elaborado. “Isso é o que permite dizer que o trabalho é a gênese de toda produção científica” (TRIGINELLI, 2016, p. 323).

Em síntese, a reflexão até aqui, dá conta que: através do trabalho como por teleológico, o homem se põe e se efetiva no mundo concreto, constituiu o mundo humano. Lukács explicita como, ao efetivar suas ações, se realiza aí a determinação que se entende como a gênese entende como o processo de formação humana. Ao tomar a totalidade desse desenvolvimento, explicita-se a inter-relação da objetividade e da subjetividade. Apreende-se também, que tais esferas se manifestam ininterruptamente no interior dos desdobramentos que originam no complexo primário, o trabalho. Dito de outra forma: através da realização e efetivação dos pores teleológicos pela atividade sensível humana. Lukács, acompanhando Marx, expõe a questão da seguinte forma:

Desse modo, o conhecimento da teleologia do trabalho é algo que, para Marx, vai muito além das tentativas de solução propostas pelos seus predecessores, mesmo grandes como Aristóteles e Hegel, uma vez que, para Marx, o trabalho não é uma das muitas formas fenomênicas da teleologia em geral, mas o único ponto onde se pode demonstrar ontologicamente um pôr teleológico como momento real da realidade material (LUKÁCS, 2013, p. 51).

Porém, ao se alcançar desenvolvimento fruto do processo social, é apreensível, uma outra forma de pôr teleológico, a forma secundária. O que quer dizer que, na vida social, o ente humano transpassa o ato de transformar coisas naturais em objetos úteis, de concretizar seu domínio sobre a natureza e colocá-la a sua disposição, a partir deste movimento, o ser social, mirando interesses específicos (individual ou coletivo), esforça-se em buscar e efetivar influência sobre outro indivíduo ou grupos. Este interesse pretende a realização de pores teleológicos que não os constituiu em si ou não são originários do seu próprio ser. Nesta relação a dimensão que permeia a relação entre complexos é criteriosamente demonstrada. Este é o processo que eleva o trabalho a condição reconhecida como o complexo central que potencializa ao ser realizar a auto humanização. Reconhecendo como assertiva esta análise, é correto afirmar que: o trabalho é o que possibilita o desenvolvimento da totalidade das potencialidades humanas e, desta forma, possibilita o desdobramento dos demais complexos. Estes últimos, já compostos por categorias puramente sociais. Nesse sentido, ao tomar os complexos referentes a linguagem e ao pensamento conceitual, por exemplo, Lukács, de

forma geral, lançou luz sobre o movimento dos complexos que foram estabelecidos e se estabelecem a partir do complexo originário. Nesse contexto, o trabalho se torna o modelo de toda práxis social.

Pensamos na caça no período paleolítico. As dimensões, a força e a periculosidade dos animais a serem caçados tornam necessária a cooperação de um grupo de homens. Ora, para essa cooperação funcionar eficazmente, é preciso distribuir os participantes de acordo com funções (batedores e caçadores). Os pores teleológicos que aqui se verificam realmente têm um caráter secundário do ponto de vista do trabalho imediato; devem ter sido precedidos por um pôr teleológico que determinou o caráter, o papel, a função etc. dos pores singulares, agora concretos e reais, orientados para um objeto natural (LUKÁCS, 2013, p 83-84).

Tomar como ponto de partida a Ontologia de Lukács, possibilitou a apreensão das objetividades presentes no processo de desenvolvimento do complexo originário e sua importância para o devir ser do homem. Essa apreensão é de grande importância para se ter uma rigorosa e assertiva compreensão acerca do desdobramento ocorridos no processo de socialização e reprodução humana tanto em si como na esfera social. Fortes ilumina a questão com a seguinte ponderação:

Esta regulação posta pela objetividade do processo do trabalho é uma condição necessária para a efetivação da finalidade e torna-se, nesse contexto, critério e fundamento para o desenvolvimento de suas próprias aptidões subjetivas. O homem ao objetivar as coisas no mundo objetiva a si mesmo, constrói a si mesmo e ao seu próprio mundo. A produção humana do seu mundo coincide com o processo de formação e construção de si mesmo. É fundamental, pois, observar que no interior do pensamento de Lukács a subjetividade somente pode ser corretamente considerada em sua inter-relação com a objetividade (FORTES, 2001, p. 107).

Por esta razão, Lukács, em momento algum abriu mão da totalidade do processo de auto constituição do ser social e, conseqüentemente, dos desdobramentos na dimensão social que se deram no transcurso da história, até alcançar as formas superiores de existência. Nessa esfera, se torna possível apreender os contornos que toma, em sua forma mais expressiva, da subjetividade, que a todo momento, esteve presente no trabalho. Neste quadro, se identifica a articulação entre gênero em si e gênero para si. No primeiro caso, está estabelecida a relação direta de uma zebra em seu ser em si, não portar a naturalmente a finalidade da forma de alimento à grande felino; o segundo, está relacionado de forma intrínseca à capacidade humana em realizar e concretizar ações que contém em si, sentido, finalidade, etc. como forma prática de satisfação das necessidades mediatas e imediatas dos indivíduos que se efetivam no mundo pelo trabalho. Isso significa dizer que: trata-se da capacidade de um homem ou de agrupamentos humanos de se realizarem e concretizarem-se na realidade concreta

pela execução de pores teleológicos, focados no objetivo de satisfazer tais necessidades. Ou seja, produzem valores de uso que reservam em si, um fim. Ao realizarem tal movimento, submetem o ente natural a seu domínio e o transforma. Este processo, não se limita a transformar a coisa natural, para além disso, efetivam igualmente, a transformação de si próprios; a partir do desdobramento de tais ações, fazem emergir as condições adequadas que os permite construir o mundo humano.

Ao demarcar a diferença fundamental entre gênero em si e gênero para si, Lukács, abre a possibilidade em aprofundar sua análise que o conduz a terrenos de maior complexidade acerca da totalidade do ser social. A partir da realidade humana criada em torno do complexo do trabalho, torna-se possível o surgimento e desdobramentos de outros complexos que apresentam grande importância na totalidade, assim como na práxis social.

Ao se debruçar sobre a práxis, o filósofo húngaro abstrai as categorias linguagem e direito, por serem distintas, com o objetivo em apreender a totalidade do desenvolvimento social, tanto na dimensão da espontaneidade (linguagem) quanto na dimensão que transcende o metabolismo dos homens com a natureza a partir do momento que estes constituem complexos de categorias de caráter social (direito) que apresentam em si, a característica de serem mais puros. “Esse processo de constituição da vida social e do desdobramento de categorias cada vez mais sociais se estabelece desde o comunismo primitivo, que se dá pelo desenvolvimento do complexo econômico que pauta a vida social”. Contudo, naturalmente, este processo, o seu desdobramento não está condicionado ao desdobramento da realidade econômica. Isto quer dizer que: na totalidade, é posto igualmente, o desenvolvimento de complexos extraeconômicos. “Isso porque, desde tempos imemoráveis, os homens já necessitam cooperar entre si”. A partir dessa necessidade, inaugura-se a divisão do trabalho, fator que conduz os homens à realizar pores teleológicos secundários. “A unicidade que envolve as alternativas econômicas e extraeconômicas, as questões morais que envolvem o humano, em muitos casos não se apresentam de forma tão nítida, é o caso do trabalho enquanto metabolismo com a natureza” (TRIGINELLI, 2016, p. 325). Ela somente pode demarcar o ponto de partida, apresentando-se como elemento, que adiante, torna possível o surgimento das sociedades de classes.

Essa forma, que marcará todas as sociedades, a partir da dissolução do comunismo primitivo, precisa, em sua constituição, dos elementos ideológicos que se estabelecem a partir do antagonismo entre as classes que se estabelecem no desenvolvimento histórico. Dessa maneira, é verificável, no decorrer da história, o papel desempenhado pelos indivíduos ou pelo

conjunto deles, quando de sua assimilação. Aqui tivemos a oportunidade de expor as consequências dessa absorção a partir de exemplos que Lukács toma da história, expressos na relação senhor, servo na Idade Média, por exemplo (TRIGINELLI, 2016, p. 325).

A educação, enquanto complexo formativo, aparece como um dos pontos onde, a ideologia, apresenta um caráter mais intenso no processo social. Sobre esta categoria, Lukács lança luz sob a inadequação do modelo educativo institucionalizado. Tal crítica é feita porque, o autor entende que o citado modelo coloca como objetivo formar humanos ideologicamente alinhados aos preceitos dominantes. Em outras palavras, entende-se como educação, uma formação voltada à preparação de indivíduos capacitados ao desempenho exitoso de funções sociais que contemplem a demanda das classes dominantes.

Contudo, para Lukács, ficou claro que, em detrimento da formação institucionalizada, é necessário o empenho em estabelecer a formação geral, como pontua Marx em sua *Crítica ao programa de Gotha*. Ou seja, reafirma-se a necessidade de relacionar teoria e práxis no campo formativo que vise a desenvolver ao máximo as aptidões de cada um, para que se contribua, da forma mais apropriada, para o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas e da sociedade emancipada (TRIGINELLI, 2016, p. 326).

Neste contexto, é necessário destacar que as representações estatais ou que a política desempenha um papel fundamental no transcurso do desenvolvimento social e de sua reprodução. Lukács expõe como o complexo da política, em sua gênese, é apreendido e entendido como mediador dos conflitos/antagonismos que envolvem as classes sociais. A princípio, este complexo não se caracteriza como mediador das relações econômicas, sendo assim, trata-se de um complexo puramente social que reserva a si a tarefa de mediar “os aspectos éticos, morais, sociais, etc. que se entropõem no jogo de forças entre as classes”. Todavia, no decorrer da história verifica-se que esse complexo, que em sua gênese, resguarda a imparcialidade e se apresenta como mediador. Por fim, consolida-se como um pêndulo, porém, um pêndulo sempre desequilibrado a favor de garantir a concentração de poder dentro das estruturas sociais, independente de qual regime político vigore, a classe dominante concentrará em si o controle social. Por esta razão, o complexo do “direito, nesse caso, demarca exatamente esse objetivo de equivaler direitos iguais sobre bases desiguais, alcançando, dessa maneira, um reflexo distorcido da realidade” (TRIGINELLI, 2016, p. 326). Dito de outra forma, o direito limita-se a tratar os fenômenos, entretanto, nunca é capaz de ir além, ou seja, de alcançar, apreender e compreender a essência. Lukács, se referendando

na reprodução teórica marxiana, demonstra como o direito, na sociedade política/econômica, cria equivalências de direitos não equivalentes. Diz Lukács:

Por exemplo, quando um capitalista se vale de trabalho assalariado na produção, ele compra (como faz qualquer comprador) o valor de uso, nesse caso, o da força de trabalho, de sua capacidade de produzir mais que o necessário para a sua reprodução, exatamente a propriedade que determina o seu valor de troca. É a execução do trabalho – no quadro do tempo de trabalho socialmente necessário – que torna possível que os produtos criados por meio dele (igualmente valores de uso), por sua vez, adquiram um valor de troca, no qual está contido o produto específico do valor de uso da força de trabalho como mais-valor (LUKÁCS, 2013, p. 167).

Desta forma, é possível identificar que a contradição em questão, está presente na ordem social, desde as transformações sociais que levaram o ser social a por fim no comunismo primitivo, até o momento de surgimento e predomínio das sociedades de classe (em todas as formas sociais conhecidas e verificadas no transcurso do desenvolvimento histórico). Desta maneira, facilita-se a tarefa de apreender, de maneira imediata, o antagonismo posto acerca das tomadas de posições nas esferas econômica e moral. Nesse caso, destaca-se que por um lado, as tomadas de posições econômicas, são baseadas, em formas mais ou menos elaboradas, a partir do trabalho simples; já no que tange o aspecto moral, a princípio, trata-se do resultado de algumas consequências advindas da esfera econômica que, por sua vez, propicia a ocorrência de efeitos na vida social, o que, em si, aparentemente prescreve determinadamente a estrutura resultante de uma contradição que envolve os valores.

A exposição acima é o que permite à Lukács realizar o retorno e análise imanente das possibilidades que permeiam a emancipação humana. Para a realização de tal tarefa, ele invoca o aspecto imperativo da categoria alternativa, posta no/e pelo trabalho. Porém, para alcançar, conhecer e extrair com rigor tal categoria, foi necessário ao nosso autor, apreender todos os meandros em nódulos internos que permeiam a questão do valor, para, somente posteriormente, tratar a relação que envolve o corpo e alma e explicitar os aspectos errôneos de matriz filosófica/teológica que são reproduzidas na esfera da história, no desenvolvimento social, isso tanto na dimensão do sujeito quanto na esfera da cotidianidade social. “Nesse sentido, todo valor que tenha em si autenticidade está inserido em um momento que tenha relevância do que se entende por complexo fundamental do ser social, ou seja, a práxis social” (TRIGINELLI, 2016, p. 327). Ao partir deste pressuposto, Lukács compreende que o ser do ser social é mantido na forma de substância, é o resultado alcançado pelo processo de reprodução. Todavia, tal processo é apreendido de forma simultânea, tanto

como um complexo quanto como um conjunto de resultados acumulados pelos pores teleológicos, sendo, portanto, indivisíveis no momento em que é aceito ou não um valor. Desta maneira, o valor ao se realizar coloca ao realizador o seu *dever ser*, com isso entende-se o trabalho como um critério prático.

Certamente os processos, as situações etc. sociais são, em última análise, gerados por decisões alternativas dos homens, mas não se deve esquecer que eles só podem tornar-se socialmente relevantes quando põem em marcha séries causais que se movem mais ou menos independentemente dos propósitos de seu ser posto, de acordo com suas legalidades próprias e imanentes (LUKÁCS, 2013, p. 151).

Quando o trabalho se realiza e se torna um produto, este é, em si, uma efetivação do homem, que já contém um valor para o ser social. Até aqui se revelou, que todo pôr prático resguarda em si a intencionalidade, ou seja, a própria ação é permeada pelo propósito se alcançar um fim posto. “Fim esse que pode ter uma expressão positiva ou negativa”. Todavia, a concretização de um fim vem acompanhado do objetivo de alcançar um valor, é por isso que, em diversos casos, tem-se a impressão de que os valores não ultrapassam a síntese dos atos sociais. “Fato é que não seria possível aos valores tomar qualquer relevância ontológica na realidade social, caso não fossem efetivados em objetos destes pores” (TRIGINELLI, 2016, p. 327). Contudo, seria errôneo considerar as condições de realização como equivalentes puros à gênese ontológica do valor.

A questão autêntica acerca da gênese, está localizada acerca da ininterrupta transformação, ponto onde está localizado o ser social em seu processo histórico/material de auto constituição e do resultante desdobramento de pores que tem sua origem a partir daí e, portanto, produzem valores.

Pudemos ver como já no estágio mais primitivo há entre eles certa relação de contradição potencial, que, no entanto, só se desdobra em sentido extensivo e intensivo quando, no objeto da finalidade, o momento predominante não é mais a transformação da natureza, mas a transformação dos homens. Sem dúvidas, continua a subsistir a indissolúvel coexistência entre determinidade por parte da realidade social e liberdade da decisão alternativa. No entanto, é qualitativamente diferente que a alternativa tenha como seu conteúdo apenas algo correto ou incorreto determinável em termos puramente cognitivos, ou que o mesmo pôr do fim seja o resultado de alternativas cuja origem é humano-social (LUKÁCS, 2013, p. 152).

Aqui alcança e explicita-se

o ponto em que a afirmação marxiana de que os homens fazem história, não da forma que desejam, mas diante das condições sócio históricas encontradas por eles, é corretamente apreendida, pois eles têm de conferir respostas de forma consciente, que, por vezes, podem ser mais ou menos certas diante das alternativas reais que se colocam diante deles, a partir de cada situação posta



no processo de desdobramento social. Nesse movimento verifica-se a existência concreta do valor (TRIGINELLI, 2016, 327-328).

Quando o ente humano concretiza tal movimento, ocorre a agregação de valores determinantes que foram mantidos e são, de maneira consciente ou inconsciente, de forma imediata ou pela via de mediações, imputadas interferências sistemáticas por meio das alternativas que nele exerce influência. É desta forma que os valores se mantêm no interior do complexo processo social, modificando-se a todo tempo, e assim, sendo parte constitutiva real da reprodução do ser social.

## **2) TRABALHO, SUJEITO-OBJETO E REPRODUÇÃO**

Lukács dedicou-se a relação entre sujeito-objeto e, igualmente, ao conseqüentemente afastamento que ocorre entre ambos a partir desta relação. A efetivação de tal separação e a ocorrência de vida própria estão embasadas, fundamentalmente, em dois momentos: no primeiro, ocorre a concretização do trabalho em produzir um objeto, que se torna um ente na realidade concreta; o segundo, está relacionado à linguagem. Ao tomar as elaborações de Engels como ponto de partida, o filósofo húngaro apreendeu a origem da linguagem como o surgimento de um novo complexo, capaz de resolver questões e necessidades que se originam no processo de trabalho. Para Lukács, trata-se de um fato, a necessidade humana de se comunicar. Esta necessidade fica explícita quando se apreende e compreende-se os meandros que envolvem a atividade sensível. Contudo, Lukács aprofunda sobre tal questão: apesar de reconhecer que, nas espécies superiores de animais, identifica-se maneiras de comunicação acerca de algumas necessidades, estas estão na esfera fenomênica. O que Lukács coloca em relevo, é a diferença substantiva entre a forma como os animais se comunicam e a que foi explicitada por Engels em relação ao ser social. Neste sentido, se verifica a interposição de um abismo que as distingue. Pois, a ocorrência do salto ontológico que possibilitou o desenvolvimento do processo de humanização e formação humana, rompeu com a forma fenomênica e iniciou o desenvolvimento que, elevou o novo ser, a uma condição qualitativamente superior à condição anterior.

Essa distância consiste justamente no fato de não se tratar mais de um epifenômeno biológico e os homens passarem a se comunicar sobre coisas específicas”. Nesse caso, tem-se a extração imediata da existência de um duplo sentido nas coisas sobre as quais se comunica: ao falar, o indivíduo remete a algo efetivamente posto, algo que existe na realidade, independentemente do próprio indivíduo; o ato de poder falar sobre as coisas

confere ao homem a possibilidade de conceituar, precisar de forma mais objetiva os objetos existentes (TRIGINELLI, 2016, p. 328).

O desdobramento do complexo acima tratado, possibilita ao ser social demarcar diferenciações que os tornam capaz de construir signos, que podem se fazer presentes nos mais diversos contextos.

Os valores que surgem nesse processo, como conhecimento humano, arte da persuasão, destreza, sagacidade etc, ampliam, por seu turno, o círculo dos valores e valorações – cada vez mais puramente sociais. Se o grupo em questão já se desenvolveu a ponto de dispor de uma espécie de disciplina, essa socialidade adquire um caráter mais ou menos institucional, ou seja, um caráter ainda mais nitidamente social (LUKÁCS, 2012, p. 163).

Desta maneira, Lukács esclarece que o processo de desenvolvimento do trabalho, conseqüentemente, dá origem à vários grupos de mediações que oferecem sustentação aos objetivos, traçados pelos homens, em obter fins imediatos, que, em último caso, o homem que trabalha desempenha o esforço visando a satisfação de suas necessidades reais. “Por isso, no interior do trabalho, surge uma importante diferença que se interpõe entre a forma de finalidade imediata e mediata. Dessa forma, a práxis social somente é estabelecida a partir da generalização dessa relação na totalidade social”. Lukács alcança a dimensão precisa do fato de que, ao elencar como ponto de partida a generalização acima explicitada, têm-se experiências no trabalho que dão origem a relações e estruturas inéditas em relação aquelas conhecidas antes de tal momento. Todavia, ele destaca o fato de essas relações serem insuficientes e incapazes de modificar a situação posta pela diferença estabelecida entre o imediato e mediato, pois, é preciso ressaltar que sua gênese está no trabalho. Esta é a razão pela qual, mediado pela linguagem, somente através do afastamento intelectual dos objetos, é possível realizar o real afastamento provindo do trabalho, pois, é por esta via, que se chega ao ponto de ser passível a realização da comunicação e do tornar-se patrimônio comum dos seres sociais de determinadas comunidades existentes no cotidiano da realidade social. “Todo processo transcorrido, em sentido histórico, no trabalho, que representa o salto que conduziu o ser natural à passagem à esfera social, pode também ser identificado, igualmente, no processo de desenvolvimento da linguagem” (TRIGINELLI, 2016, p. 329).

Lukács destaca o fato de, ao efetuar e efetivar o salto, a humanidade caminha da esfera natural à esfera social. Desta forma, o trabalho resguarda em si, uma parcela fundamental ao que toca o desdobramento da consciência desse ser, já que nela está

constituída e contém a essência de funções e fundamentais à realização dos pores teleológicos constituintes da práxis.

Porém, para se deferir uma autêntica e rigorosa crítica de caráter ontológico, é, antes de mais nada, preciso compreender que o que se apreende a partir do processo exposto é um ininterrupto afastamento das barreiras naturais, o que, segundo Lukács, em hipótese alguma pode ser entendido como sua completa superação. Ou seja, mesmo que o ser social alcance toda a potencialidade desse ser, após passar pelo seu processo de autofundação, que tenha na sociabilidade suas relações bem estabelecidas, que sua vida social seja extremante desenvolvida, mesmo chegando-se ao autocontrole de seus movimentos, o homem não consegue, em nenhuma circunstância, separar-se, de forma definitiva, de sua base natural” (TRIGINELLI, 2016, p. 330).

Para Lukács, a totalidade das transformações realizadas por esse ser, em última instância, mesmo diante do acumulado proporcionado pela produção de conhecimento, de todo patrimônio historicamente alcançado, estão condicionadas às primárias condições naturais indispensáveis à reprodução da vida. Por esta razão, não se verifica qualquer tipo de mudanças nas bases primárias, afinal, na esfera biológica, a consciência, mesmo com a totalidade dos desdobramentos alcançados na esfera social, mantém-se entrelaçada, ou seja, de forma inseparável, ao processo reprodutivo na esfera biológica do seu sistema corporal.

Diante de tais constatações, apreende-se o surgimento de dois fatos que inicialmente parecem ser contrários. Contudo, quando analisados de forma imanente, constata-se a inexistência de contradição entre eles. Primeiro, têm-se a classificação lukácsiana acerca da inter-relação indissociável da ação consciente no interior do processo que promove o desenvolvimento do corpo enquanto organismo vivo: desta forma, Lukács tem a clareza que cada consciência resguarda um caráter individual, isso quer dizer que, ela está ligada ao corpo do nascimento à morte. Segundo, ao se debruçar sobre o processo de trabalho, Lukács lança mão em definir a consciência como aquela que desdobra a função de guiar o corpo. Isso quer dizer que, é através da consciência que o humano obtém o domínio de si mesmo em seus aspectos físicos, configurando-se, portanto, parte essencial para o desenvolvimento das tarefas presentes no trabalho com o objetivo de realizar os pores teleológicos, já que é sabido que esses, somente podem ter sua origem e determinação na consciência.

Temos aqui um ato que constitui o ser social e se coloca muito distante de qualquer dúvida, pois a consciência exerce um domínio sobre o corpo que, em determinados casos, forçosamente, a partir da constituição da consciência, acarreta no seguinte: a consciência (a alma, portadora da consciência) não teria como ter controle e conduzir o corpo da maneira aqui descrita se sua existência não fosse independente e qualitativa do corpo. Ora, Lukács mostrou que um corpo pode existir e viver sem consciência, porém a

consciência fora de um corpo biológico é algo que não tem como existir. O que significa dizer que a consciência não perde a autonomia no seu papel de conduzir e planificar as ações corpóreas do ser, ao contrário, essa relação em si é seu fundamento ontológico (TRIGINELLI, 2016, p.330-331).

Ao partir destes termos, Lukács faz a relação entre os desdobramentos obtidos pelas ciências biológicas à condição que ela oportuniza em oferecer paulatinamente os meios que confirmam a indissociabilidade entre corpo e consciência. Da mesma forma, também demarca a impossibilidade de existência de uma alma no estado de substância autônoma. Sobre a relação apresentada envolvendo objetividade e subjetividade, Fortes (2001) auxilia ao expor que:

Esta dupla ordem de exigências impõe uma transformação do comportamento do homem, pois o êxito de sua atividade depende do disciplinamento e adequação de seus atos e sensações, que devem responder efetivamente não apenas à finalidade, mas à própria legalidade dos nexos e leis que regem os objetivos e elementos naturais com os quais lida no decorrer do processo laborativo. De forma que o trabalho implica concomitantemente a transformação do elemento natural e a transformação do próprio sujeito que trabalha – o homem ao transformar a natureza, *transforma a sua própria natureza*. Com isto tem lugar o desenvolvimento de novas qualidades físicas e psicológicas; surge pela primeira vez o “crescente domínio da Inteligência sobre as inclinações espontâneas biológicas”, e se desenvolvem novas qualidades no sujeito tais como destreza, espírito de observação, disciplinamento das emoções, etc., que favorecem de modo relevante um maior domínio sobre a relação com a natureza. O trabalho é nesta medida considerado como o primeiro lugar em que estão dados os primeiros lineamentos para o desenvolvimento posterior da subjetividade (FORTES, 2001, p. 106).

Nestes termos, não causa surpresa Lukács debater com as formas teológicas, místicas e, portanto, idealistas que se dedicam em entender e explicar a realidade social e, ao mesmo tempo, exercer o domínio da natureza pelos caminhos abertos a partir das concepções idealísticas míticas. Porém, vale ressaltar que o fundamento que sempre demarca o ponto de partida, está posto no trabalho humano; Deus, posteriormente ao ato de criar (trabalhar) o mundo em sua totalidade durante seis dias, descansou no sétimo. Nosso autor percorre um caminho contrário, pois se ocupou em, de forma criteriosa, explicitar a incorreção de tais apreensões. Ao partir do estatuto ontológico marxiano, que se apresenta, substancialmente superior as elaborações anteriores e, por essa razão, possibilita se apreender, compreender e reproduzir de forma rigorosa e correta a realidade, Lukács, seguindo na esteira de Marx, identificou o trabalho como a categoria e o complexo central originário, pois, é a partir dele que o desenvolvimento das condições materiais e histórico do ser social se tornam possível. Ao realizar este movimento, o filósofo húngaro apreende de maneira assertiva, o domínio exercido pela

consciência na efetivação dos pores de fins em relação ao restante do conjunto presente no interior do ser do homem. Esse domínio ocorre, principalmente, entorno das questões relacionadas ao corpo e o desenvolvimento comportamental, como contorno crítico-distanciado, que se obtém no decorrer da história da humanidade e se faz presente nos mais diversos e inéditos conteúdos, como também nas diferentes formas.

Sendo assim, é preciso apenas lançar luz sobre a distinção da peculiaridade presente nas concepções dos modelos de trabalho no percurso que corresponde ao desenvolvimento do ser social. Resumidamente, é preciso somente referir-se aos aspectos gerais caracterizadores das diferenças entre estas formas. Ao tomar os pores teleológicos secundários, apreende-se a intensificação “da complexidade da forma do dever ser, tomando-os através da forma de uma prática que se direciona efetivamente às alternativas morais entre outros”, a conclusão alcançada, todavia, é que se põe como marca da

radicalidade dessas diferenças qualitativas, é que elas não conseguem impedir a constatação da existência de um fato comum que é fundamental no seio das diferentes posições existentes no dever ser, ou seja, toda prática dos homens sempre será um dever ser. Por si só, isso já demonstra que toda ação humana é permeada pela tomada de decisões sobre as alternativas efetivamente existentes, independentemente do fato de que tenham caráter natural ou social (TRIGINELLI, 2016, p. 332).

A partir da exposição acima, Lukács confere tratamento a uma questão que para ele, aparenta ser cara. Neste ponto o autor toma a categoria liberdade como possibilidade real a partir do desenvolvimento histórico do ser social. Para tanto, demarca como ponto de início, à concretiza dá liberdade, o complexo trabalho e a centralidade exercida por ele, na totalidade do processo de desenvolvimento material histórico humano. Nesse sentido, está posta, no e pelo trabalho, a possibilidade de o ser social assumir tal condição. E tal possibilidade pode ser e é tomada no grau máximo, justamente por aceitar a proposição de se alcançar a liberdade plena pela humanização proporcionada pelo e no trabalho. O próprio Lukács explica que:

O pôr de um fim com o qual o ontologicamente novo aparece enquanto ser social é um ato nascente de liberdade, uma vez que caminhos e meios para a satisfação de necessidades não são mais efeitos de cadeias causais espontaneamente biológicas, mas resultados de ações decididas e executadas conscientemente (LUKÁCS, 2013, p. 140).

Só é possível se colocar nessa direção, por estar posta a possibilidade de realização de escolhas concretas que, pela ação humana, alcancem a efetivação. Também se faz necessário o elemento que oportuniza o ter-se condição de promover

transformações contínuas na realidade e, assim, paulatinamente, ampliar o afastamento das barreiras naturais. O resultado obtido pelo trabalho humano explicita-se na promoção da divisão e diminuição do tempo socialmente necessário para se alcançar a satisfação das necessidades biológico-naturais. Tal desenvolvimento propicia ao homem, acumular mais tempo livre, o que, por sua vez, potencializa a possibilidade de avanço em seu processo de humanização (arte, filosofia, poesia, etc.).

Em Lukács, torna-se, portanto, compreensível o fato de, na esfera de cada ato singular do ser social, relativamente, se desdobram maneiras particulares de legalidade, de liberdade, que, no desenvolvimento do processo das transformações que ocorreram em sua totalidade, produzem modificações próprias.

Por exemplo, não se pode considerar absolutamente como uma forma única de liberdade a sua expressão e manifestação na esfera jurídica, em relação à política, moral, ética, etc. Por isso, para se conseguir chegar à gênese ontológica da liberdade, tomando o trabalho como ponto de partida, é fundamental reconhecer o caráter dos pólos teleológicos concretamente presentes no trabalho. A partir desse movimento, torna-se apreensível o fenômeno social da liberdade, social, pois não se trata de um fenômeno natural pelo simples fato de, na natureza, não existir; a ela a liberdade é algo completamente estranho (TRIGINELLI, 2016, p. 332-333).

Ora, o que se coloca como liberdade para o ser social, é antes de tudo algo estranho à natureza, pelo simples fato de, a partir do momento que a consciência apropria-se para si do poder de decisão, partindo das alternativas postas ao ser social, este, que por sua vez centraliza em si o poder de escolher e definir a finalidade a ser posta e, assim, determinar a forma como a transformação das cadeias causais naturais será realizada já na esfera e forma de cadeias causais postas como realização do ser social, é daí que advém o complexo dinâmico, algo impossível de ser localizado ou comparado com qualquer epifenômeno na natureza.

Para Lukács, a única forma de apreender e compreender a liberdade está presente na gênese ontológica do trabalho. Por essa razão, o autor expõe a liberdade, coincidindo sua gênese a partir dos atos de consciência. Pois, enquanto promotores da produção de novos entes, os resultados de tais atos estão, rigorosamente entrelaçados ao trabalho consciente que, a partir de escolhas, transforma e põe finalidade, com o objetivo em satisfazer necessidades. “Daí que a base que fundamenta a liberdade somente pode ser a realidade, justamente por ela ser constituída por uma escolha concreta, em meio as várias existentes em sua base”. A liberdade é, igualmente, caracterizada ontologicamente por constituir parte da realização e modificação da realidade concreta, isso quer dizer que, na dimensão do real, no sentido posto de

transformá-la, não se pode excluir essa relação nem das mais amplas abstrações. “Esse movimento permite a abertura de um grande leque de possibilidades de pores reais de fins e multiplicidades, entretanto, o delineamento dos limites é passível, como também é preciso que em cada situação seja delimitada com rigor”. Isso posto, fica evidenciado “que o projeto ideal, antes de tomar forma enquanto um ente posto”, não resguarda qualquer relação com a liberdade (TRIGINELLI, 2016, p. 333).

A partir dessa determinação de Lukács, o autor apresenta e estabelece a possibilidade de alcance da liberdade. Esta afirmação é possível, por ter-se acumulado uma ampla gama de conhecimento a respeito das cadeias causais que atuam em cada situação. Conforme se estabelece maior domínio, obtém-se maior profundidade no conhecer das propriedades naturais, torna-se mais evidente as possibilidades de transformação, conseqüentemente, as tornando cadeias causais postas.

Por fim, é importante ressaltar que não seria correto considerar que os atos humanos que conduzem à liberdade estejam, de igual forma, interligados e determinados pelas necessidades que são postas pelas mediações que existem na vida em geral e pelas relações sociais que estabelecem como necessária a produção, a quantidade, etc. É preciso demarcar que, indubitavelmente, qualquer que seja o meio para a satisfação das necessidades, os elementos para essa realização são fornecidos pela natureza e pela objetividade contida no ato de trabalho humano. A partir daí, o que se tem é que o homem que trabalha, em seu ser-propriadamente-assim, mesmo que se transforme no e pelo trabalho, sua nova constituição, sua gênese é composta por traços que reúnem aspectos naturais e aspectos sociais, que, na totalidade desse processo, já se faziam presentes, desde os primeiros trabalhos. A partir desse esclarecimento, qualquer que seja a alternativa, por ter uma essência ontológica, é irremediavelmente concreta. A não aceitação de todo esse complexo que envolve a liberdade, que promova generalizações ou universalização deliberada da alternativa, conduz a análises de caráter lógico-gnosiológico. Dessa forma, somente partindo da totalidade concreta é possível localizar uma verdade ontológica (TRIGINELLI, 2016, p. 334).

### **3) CONCLUSÃO**

A partir do retorno à algumas determinações ontológicas no decurso de auto fundação do ser social, no transcurso entendido como formação humana e o desenvolvimento do processo histórico/material/social, sob a lente imanente de apreensão, compreensão e reprodução dos fatos que compõe a totalidade humano social, utilizando a lupa da ontologia do ser social de Lukács, confirmou-se que, mesmo que não fosse a intenção do autor produzir uma obra de síntese, foi exatamente isso o que ele fez. Se o interesse de Marx era, a partir da rigorosa apreensão do desenvolvimento material/histórico, apreender, com o máximo rigor, o processo de desenvolvimento humano social que possibilitou, a partir das bases que conferiram suporte ao

desdobramento dos vários complexos que se desenvolveram do complexo do trabalho, na forma societária máxima alcançada historicamente pelo capital, o capitalismo. Consequentemente, não somente o sistema de organização social, se fazia necessário conhecer, mas também se fazia fundamental extrair todos os meandros, potencialidades e possibilidades de se transitar para além da realidade exhaustivamente explicitada. Lukács, tomou a realidade soviética como a realidade a ser apreendida, compreendida e rigorosamente reproduzida. Ao se debruçar sobre tal empreitada, deparou-se com fortes contradições, quando não, com as mais vulgares apreensões, deformações e aplicação da teoria social marxiana. Com u intuito corretivo, esforçou-se de forma imanente sobre tal teoria, afim de apreender, compreender e reproduzir, toda a potência teórica e prática que a teoria oferecia para, desta maneira, promover o “renascimento do marxismo”.

Diante das muitas digressões e deformações tanto do ponto de vista prático quanto do teórico acerca da produção e reprodução social. Da mesma forma, o problema estava posto diante da produção do conhecimento. Neste sentido parece claro que o filósofo húngaro se empenhou, igualmente empenhou-se de forma imanente, em apreender, compreender e reproduzir, com extremo rigor e exatidão, o desenvolvimento material/histórico do ser social que o possibilitou à condição de se reproduzir em bases capitalistas, mas também na forma concreta estabelecida na região do mundo que, por mais de meio século, adotou uma dimensão de organização social, pós-capitalistas. Para cumprir tal tarefa, Lukács se dedicou, à princípio, a imanência do complexo do trabalho como o alicerce que possibilitou e deu suporte ao ser orgânico a realizar o salto ontológico e a partir daí, desenvolver e consolidar sua condição de ser que se coloca, transforma a realidade e a si mesmo pela sua atividade sensível. Este é o processo incipiente que possibilita o desencadeamento e surgimento de vários outros complexos sociais. Estes, passam a desempenhar a função de engrenagens no conjunto da totalidade do ser. São estas engrenagens que, somadas e derivadas do trabalho, possibilitam o desenvolvimento no transcurso da história do surgimento e desenvolvimento de formas sociais cada vez mais avançadas. Foi demonstrado que a partir da constituição social, que têm sua base na constituição e separação de classes, que novos complexos surgiram e foram promotores do que é concebido como sobreposição classe. O aparecimento e desenvolvimento de complexos como a economia, a política, o Estado, o direito, a educação, etc. se tornou campo fértil para o surgimento e propagação de ideologia. Esta é uma forma que manifesta as ideias da classe dominante e procura conferir legitimidade na esfera social as práticas de



sobreposição de interesses da classe dominante a classe dominada. É através dessas estruturas que se torna possível promover a formação humana de pessoas aptas a reproduzir a forma de existência descrita. Este é sentido apreendido e conferido ao esforço de Lukács em constituir sua ontologia do ser social.

#### **4) REFERÊNCIAS**

CHASIN, José. *Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.

FORTES, Ronaldo Vielmi. *Trabalho e gênese do ser social na “ontologia” de George Lukács*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Filosofia, 2009.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social II*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social I*. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Mario Duayer; Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012a.

TRIGINELLI, Daniel Handan. *Trabalho e formação humana na ontologia do ser social de György Lukács*. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2016.

#### **5) BIBLIOGRAFIA**

ALBINATI, Ana Selva. *Ontologia do ser social: considerações sobre o valor e o dever-ser em Lukács*. In: VAISMAN, Ester; VEDDA, Miguel (Org.). *Lukács: Estética e Ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014.

ALBINATI, Ana Selva. *Educacion – la cuestión de la alienación individuo-género*. In: INFRANCA, Antonine; VEDDA, Miguel. *La alienación: historia y actualidad*. Buenos Aires, Argentina: Herramienta, 2012.

FORTES, Ronaldo Vielmi. *As novas vias da Ontologia em György Lukács: as bases ontológicas do conhecimento*. Tese (Doutorado em Filosofia). – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Filosofia, 2011.

INFRANCA, Antonino; VEDDA, Miguel (Org.). *La alienación: historia y actualidad*. Buenos Aires, Argentina: Herramienta, 2012.

INFRANCA, Antonino; VEDDA, Miguel (Org.). *Testamento político y otros escritos sobre política e filosofía*. Buenos Aires, Argentina: Herramienta, 2004.

KONDER, Leandro; COUTINHO, Carlos Nelson. Correspondência com Georg Lukács. In: PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (Org.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 133-156.

LESSA FILHO, Sérgio. *Mundo dos homens: trabalho e ser social*. 3 ed. São Paulo; Instituto Lukács; 3 ed. revista e corrigida, 2012; 1ª reimpressão, 2013a.

LESSA FILHO, Sergio. Lukács, trabalho e classes sociais. In: ROIO, Marcos Del (Org.). *György Lukács e a emancipação humana*. São Paulo: Boitempo, 2013b. p. 59-72.

LESSA FILHO, Sergio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. 3 ed. Ijuí/RS: Unijuí, 2012.

LESSA FILHO, Sergio A. *Lukács ética e política: observações acerca dos fundamentos ontológicos da ética e da política*. Chapecó: Argos, 2007b.

LUKÁCS, György. A autocrítica do marxismo. In: PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (Org.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2012b.

LUKÁCS, György. Entrevista concedida a Leandro Konder. *Jornal do Brasil*, 24-25 ago. 1969.

LUKÁCS, György. *História e consciência de classe*. Trad. Rodnei Nascimento; revisão de Kariana Jannini. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012c.

LUKÁCS, György. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível*. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUKÁCS, György. *Pensamento vivido: autobiografia em diálogo: entrevista a István Eörsie Erzsébet Vesér*. Trad. Cristina Alberta Franco. São Paulo: Estudos e edições Ad Hominem/ Viçosa/MG: Editora da UFV, 1999.

LUKÁCS, György. *Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. Trad. Carlos Nelson Coutinho; revisão de Antônio Elias Ribeiro. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1979a.

LUKÁCS, György. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho; revisão de Antônio Elias Ribeiro. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1979b.

LUKÁCS, György. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1978.

LUKÁCS, Georg. *Carta sobre o Stalinismo*. Revista Temas 1, Grijalbo, Grupo KILOMBAGEM, São Paulo, 1977.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. Trad. Nélio Schneider, [trad. Daniel Bebsaid, Wanda Caldeira Brant]. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política; livro I, volume I*. 25 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia de Hegel*. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus; supervisão e notas Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista 150 anos depois. In: COUTINHO, Carlos Nelson; REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). 3 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 1999.

MÉSZÁROS, István. *O conceito de dialética em Lukács*. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo/Campinas: Boitempo/Unicamp, 2002.

NETO, Antônio Júlio de Menezes; SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira de; LIMA, Pablo Luiz de Oliveira; FRAGA, Paulo Denisar. *Socialismo e Educação*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

NETO, José. Entrevista sobre o lançamento do livro *Para uma ontologia do ser social* do filósofo húngaro György Lukács. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 fev. 2013a. disponível em [http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com\\_content&view=article&id=402%3Ajose-paulo-netto-fala-sobre-para-uma-ontologia-do-ser-social&catid=9%3Anoticias](http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=402%3Ajose-paulo-netto-fala-sobre-para-uma-ontologia-do-ser-social&catid=9%3Anoticias). Acesso: 20 abr. 2014.

NETO, José Paulo. O “Moses Hess...” de Lukács. In: ROIO, Marcos Del (Org.). *György Lukács e a emancipação humana*. São Paulo: Boitempo, 2013b.

NETO, José Paulo. Gerorg Lukács: um exílio na pós-modernidade. In: PINASSI, Maria Orlanda; LESSA FILHO, Sérgio Afrânio (Org.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 77-101.

OLDRINE, Guido. Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács. In: PINASSI, Maria Orlanda; LESSA FILHO, Sérgio Afrânio (Org.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 49-76.

PINASSI, Maria Orlanda; LESSA FILHO, Sérgio Afrânio (Org.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2012.

ROIO, Marcos Del (Org.). *György Lukács e a emancipação humana*. São Paulo: Boitempo, 2013.

SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira. As origens da ontologia do ser social: a questão do método. In: SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira de; SEMERARO, Giovanni; PRAXEDES, Luciana Amaral (Orgs.). Dossiê “Ontologia do ser social e formação humana”. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p.143-155, jan./abr. 2015..

SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira de. Trabalho e alienação: categorias ontológicas fundamentais para os processos de objetivação humano. In: NETO, Antônio Júlio de Menezes; SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira de; LIMA, Pablo Luiz de Oliveira; FRAGA, Paulo Denisar. *Socialismo e Educação*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 17-26.

SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira de. Notas acerca de algumas questões filosóficas e de método em Durkheim, Weber e Marx: a afirmação da centralidade ontológica do trabalho na perspectiva marxista. In: SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira de; LAUDARES, João Bosco (Org.) *Diálogos conceituais sobre trabalho e educação*. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2011a. p. 13-34.

SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira de. A Política e a Emancipação Humana na Ontologia do Ser Social Marxiana: a emancipação social como única possibilidade de transitar para além do capital. *Marx e o Marxismo 2011: Teoria e Prática*. Núcleo Interdisciplinar sobre o Marx e o Marxismo (NIEP/MARX), Universidade Federal Fluminense – Niterói/RJ, 28/11 a 01/12/2011b.

SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira de. A centralidade ontológica do trabalho como essência da educação e dos conhecimentos. In: MENEZES, A. J et al. (Org) *Trabalho, política e formação humana: interlocução com Marx e Gramsci*. São Paulo: EJR Xamã Editora Ltda, 2009. p. 128-138.

SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira de. Centralidade ontológica do trabalho ou centralidade da informação e do conhecimento nos processos de formação humana. *Proposições*, Campinas/SP, v. 19, n. 2 (56), p. 163-179, maio/ago. 2008a.

SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira de. Para a crítica da economia política (1859). *Revista Nete*, (editorial) v. 17, n. 2, p. 09-12, maio/ago. 2008b.

SOUZA JUNIOR, Hormindo Pereira de. As atuais formas de consciência da individualidade: um estudo a partir da Ontologia do Ser Social Marxiana. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

TERTULIAN, Nicolas. György Lukács e a reconstrução da ontologia na filosofia contemporânea. In: VAISMAN, Ester; VEDDA, Miguel (Org.). *Lukács: Estética e Ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014. p. 15-76.

TERTULIAN, Nicolas. A ontologia em Heidegger e em Lukács: fenomenologia e dialética. In: ROIO, Marcos Del (Org.). *György Lukács e a emancipação humana*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 45-58.

TERTULIAN, Nicolas. Georg Lukács e o Stalinismo. *Práxis*, Belo Horizonte/MG, p. 71-108, 1994.

TONET, Ivo. Educação e ontologia marxiana. In: SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira de; SEMERARO, Giovanni; PRAXEDES, Luciana Amaral (Orgs.). Dossiê “Ontologia do ser social e formação humana”. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p.173-199, jan./abr. 2015.

TONET, Ivo. *Método científico: uma abordagem ontológica*. São Paulo: Instituto Lukács, 2013; 1ª reimpressão, 2014.

TONET, Ivo. Lukács e emancipação humana. In: ROIO, Marcos Del (Org.). *György Lukács e a emancipação humana*. São Paulo: Boitempo, 2013.

TONET, Ivo. *Educação contra o capital*. 2 ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

VAISMAN, Ester; FORTES, Ronaldo Vielme. Três abordagens distintas sobre a categoria da reprodução: Lukács, Althusser e Bourdieu & Passeron. In: SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira de; SEMERARO, Giovanni; PRAXEDES, Luciana Amaral (Orgs.). Dossiê “Ontologia do ser social e formação humana”. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 245-255, jan./abr. 2015.

VAISMAN, Ester (Org.); VEDDA, Miguel (org.). *Lukács: Estética e ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014.

VAISMAN, Ester; ALVES, Antônio Lopes. Apresentação. In: CHASIN, J. *Estatuto ontológico e resolução metodológica*. São Paulo: Boitempo, 2009.

VEDDA, Miguel. Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética em Lukács. In: VAISMAN, Ester; VEDDA, Miguel (Org.). *Lukács: Estética e Ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014.